

ações poéticas: percursos nas ruas da cidade

Carolina Prediger Koester & Helga Correa

RESUMO: Neste artigo apresento parte da investigação que realizo no Programa de Pós-Graduação em Arte, da Universidade Federal de Santa Maria/RS. A pesquisa tem como propósito a execução de ações poéticas no espaço urbano que partem do conceito do pôster lambe-lambe. As imagens usadas nas intervenções são gravadas e impressas em xilogravura, as quais tem como referência objetos utilizados como utensílios de iluminação nos interiores das casas, antes da instauração da rede de distribuição elétrica na sociedade. As xilogravuras fixadas em postes de luz se dá em determinados percursos do espaço urbano da cidade de Santa Maria (RS), e tem possibilitado construir reflexões entre as dimensões interna e externa do artista (Arendt) caracterizando parte desta produção reflexiva em arte contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Xilogravura, intervenções urbanas, lambe-lambe, espaço público.

ABSTRACT: This article presents part of the research I perform at the Graduate Art Program, Federal University of Santa Maria/RS. The research aims to implement the work through poetic actions in urban areas, based on the concept of licks licks poster. The images used in interventions are recorded and printed in woodcut, which has as its object reference used as lighting fixtures in the interiors of houses, prior to the opening of the electricity distribution network in society. Woodcuts set these paths by the urban space of the city, make it possible to build relationships between the internal and external dimensions of the artist (Arendt) highlighting the need for reflective production of contemporary art in the context investigated.

KEYWORDS: Woodcut, licks licks, urban space.

A pesquisa que venho desenvolvendo no PPGART / UFSM na linha de poética visual visa aprofundar a reflexão sobre as intervenções artísticas urbanas. Estas intervenções que venho desenvolvendo ao longo desse processo de formação se dão a partir da utilização de xilogravuras, com as quais pretendo estabelecer um cruzamento entre imagens, espaços e seus vínculos com a esfera pública na sociedade contemporânea.

Com a compreensão da prática artística enquanto processualidade contínua e heterogênea, apresento alguns aspectos pertinentes sobre o meu percurso realizado até o presente momento. Entendo que seja importante ressaltar o trajeto já estabelecido e as considerações extraídas da pesquisa poética Xilo no poste¹, desenvolvida por mim durante o período de graduação no Curso de Artes Visuais na UFSM, pois essas experiências e reflexões primárias me proporcionaram um suporte fundamental para a pesquisa atual.

A partir da percepção do excessivo entrelaçamento dos fios de luz, suas interligações e formações de rede, me fizeram refletir sobre o potencial estético e conceitual do elemento "*poste de luz*". Assim, este objeto que a muitos remete a poluição visual, a mim me interessou dada a sua estética particular. Sendo natural de uma cidade muito pequena, no interior do Rio Grande do Sul – Crissiumal - onde não há esses emaranhados de fios em demasia e, sim, cenários mais limpos, propus-me a uma pesquisa fotográfica para buscar a suavização da cena, distanciando-se dessa imagem visualmente poluída e do desconforto gerado por essa confusão.

¹ Xilogravuras de postes de luz impressas em papel reciclado e coladas em postes de luz. Tencionar

Desse modo, procurava atribuir algo esteticamente agradável, de diferentes ângulos, tentava mostrar ao transeunte que também poderia existir beleza em um emaranhado de fios, os quais parecem ter vida própria sobre as nossas cabeças. Paulatinamente, comecei a focalizar o trabalho no entrelaçamento de fios em excesso, os quais se interligam entre vários outros postes, formando uma rede, além de assumir uma identidade própria. Desses registros, originou-se uma série de fotografias intituladas Linhas Urbanas (Figura 1).



Figura 1- *Linhas Urbanas*, 2014. Santa Maria/RS.

Fonte: Arquivo pessoal.

Essa necessidade de fixar meus trabalhos no espaço urbano aconteceu quando eu realizava uma prática poética no ateliê e percebi que não fazia sentido usar um elemento da rua para desenvolver trabalhos plásticos dentro da academia e expô-los em espaços fechados.

Com isso, comecei as experiências de colar nos postes os trabalhos, criando, dessa forma, um percurso: retirar a imagem do poste da rua, levá-la para o ateliê, reinterpretá-la na linguagem da xilogravura e devolvê-la ao seu local de origem, o espaço urbano. Desse desconforto, surgiu o projeto Xilo no Poste (Figura 2), o qual me possibilitou a primeira experiência de intervir no espaço urbano.



Figura 2 – Registro pós-colagem, 2014. Rua Coronel Niederauer, Santa Maria/RS.

Fonte: Arquivo pessoal.

Penso que esse olhar para o poste - bem como a execução de ações poéticas no espaço urbano - estão presentes desde a minha infância, porém só tive tal percepção ao me mudar para Santa Maria/RS. Este deslocamento: sair de uma cidade de interior, onde a maior parte da população está concentrada na área rural, sendo o centro da cidade um local que se resume em alguns estabelecimentos de venda, bancos e uma praça, com poucos prédios e uma paisagem "urbana" mais limpa para ir residir em uma cidade maior.

Uma cidade maior, com um centro urbano mais desenvolvido, prédios altos, propagandas excessivas e postes de luz com diversos emaranhados de fios. Essa mudança fez com que eu observasse o espaço urbano por outra ótica, pois estava habituada com um local "*limpo*" e, ao encontrar um espaço com tantas imagens, informações, ou seja, certa desordem, fez com que eu procurasse pontos de respiro e beleza diante deste caos aparente. As viagens para as cidades ainda maiores - São Paulo/SP, Montevideo/UY, Belo Horizonte/MG - fizeram com que eu tivesse o conhecimento de novos centros urbanos, o que gerou em mim uma espécie de deslumbre, uma agitação que até então eu desconhecia.

Os postes, por sua vez, apareciam diferentes, supercarregados de fios, revelando as distintas conexões e correlações entre o mundo urbano, suas paisagens e as vidas humanas presentes nas cidades. Assim, o poste, novamente, remetia-me ao espaço público e ao espaço privado.

Outro ponto a ser observado, que ocorreu nesse deslocamento interior-cidade, foi sobre a minha presença enquanto transeunte no espaço urbano. A relação, que antes era marcadamente interiorana mais próxima com o outro, se refez para uma individualidade, quase que inexistindo uma troca com o outro, assim passando para um certo anonimato. O antropólogo argentino Néstor García Canclini quando faz a pergunta: o que é uma cidade? Aponta como uma oposição ao rural, ou seja, a cidade é concebida com o que não é campo.

Este enfoque, que durante la primera mitad del siglo tuvo un fuerte desarrollo, llevó a oponer em forma demasiado tajante el campo como lugar de las relaciones comunitarias, donde predominan las relaciones primarias, a la ciudad, que sería el lugar de las relaciones asociadas de tipo secundario, donde habría mayor segmentación de los roles y una multiplicidad de pertinencias. (CANCLINI, 1997, 69)

Pensamento que parte do teórico argentino Gino Germani, o qual Canclini segue apontando:

Germani hablaba de la ciudad como núcleo de la modernidad, precisamente porque era el lugar donde nos podíamos desprender de las relaciones de pertinencia obligadas, primarias, de esos contactos intensos de tipo personal, familiar y barrial propios de los pequeños pueblos o las pequeñas ciudades, y pasar al anonimato de las relaciones asociativas, electivas, donde se segmentan los roles, que él estudiaba desde su particular herencia funcionalista. (CANCLINI, 1997, p. 69, 70)

Esse deslocamento trouxe uma nova maneira de agir no espaço urbano, pois se antes estava habituada com um cenário mais calmo, onde havia uma proximidade com o outro, a partir do momento que me insiro em uma cidade que possui um fluxo de transeuntes maior, assumindo um caráter mais agitado, faz com que minha presença na cidade se torne, de certa maneira, imperceptível. Pensando nisso, essa necessidade de intervir no espaço público, também parte desta transição da minha própria presença enquanto um anônimo transeunte, que se dissolve entre tantos, mas que ao mesmo tempo utiliza do anonimato para expor o trabalho.

a xilogravura

No que tange à esta investigação, a construção plástica desses lambes foi realizada e impressa a partir da xilogravura, visando à manutenção desse procedimento manual: um exercício de retorno ao período que não havia a distribuição elétrica, sendo assim, de certa forma, reforço a independência das tecnologias que dependem da energia elétrica para a impressão de imagens que remetem um universo de ausência de eletricidade.

A escolha da xilogravura para a produção poética do trabalho ocorreu pela minha trajetória de trabalhos realizados durante o curso da graduação.

Naturalmente, sinto domínio e identificação com esta técnica, que também me proporciona uma maneira mais rápida de reprodução da imagem gravada na matriz, o que atende meu intuito de fixar os trabalhos no espaço urbano. A manualidade da xilogravura vem ao encontro com meu objetivo ao longo de todas as etapas do processo de criação dos lambes (Figura 3). Escavar a madeira, entintá-la, imprimir (a força exercida na prensa no momento da impressão), fazer a cola de farinha, a colagem com as mãos do trabalho no espaço urbano, todos estes gestos partem de ações as quais não necessitam de energia elétrica, e sim do meu corpo: do intelecto e da ação.



Figura 3: *Registro processo, 2016. Ateliê de Gravura/UFSM. Santa Maria/RS.*
Fonte: Arquivo pessoal.

Este caráter experimental que a xilogravura carrega como linguagem, permite desenvolver a partir da imagem gravada na matriz uma série de trabalhos que não necessariamente seguem uma tiragem, e sim, experimentações no momento da impressão. Estou de acordo com Osinski quando diz:

Penso que o artista que trabalha com a gravura contemporânea se apropria muitas vezes do ferramental próprio da tradição gráfica, mas o ressignifica, não se prendendo a dogmas ligados às técnicas ou às convenções gráficas. Ele pode fazer uso de linguagens como as da xilogravura, da serigrafia ou da gravura em metal, inserindo-as em contextos diversos por meio da apropriação de espaços, transformando o que seria uma gravura tradicional em módulos ou elementos constituintes de uma instalação ou de um objeto, por exemplo. Pode também fazer uso dos procedimentos da gravura tradicional como para pensar sua inserção em circuitos urbanos, como é o caso dos lambe-lambes e das intervenções gráficas na rua, ou mesmo de panfletos distribuídos a transeuntes. (OSINSKI, 2010, p.29)

Efetivamente, o retorno ao primeiro dos procedimentos de impressão multiplicada da imagem, nesta investigação, se deve primordialmente à necessidade de manter a independência com qualquer tipo de reprodução imagética dependente do uso da energia elétrica. Essa ênfase se deve ao fato de que nessa proposição poética busco estabelecer uma relação coerente entre os objetos escavados na madeira, dissociados do mundo da tecnologia e conseqüentemente da reprodução massiva das imagens contemporâneas.

Por outra parte, esta reflexão sobre a energia elétrica tem um caráter de “ativismo” ecológico, já que instaura no espaço urbano, ainda que de modo sutil e “low tech”², uma reflexão sobre o consumo da energia elétrica, nossa total dependência desse bem. Bem este, que paulatinamente torna-se cada vez mais controverso em relação a sua captação e distribuição.

² Low-tech: baixa tecnologia.

Sabemos que a energia pode ser produzida em usinas eólicas, termoelétricas, solares, nucleares, entre outras, mas a energia elétrica é a forma de energia mais utilizada no mundo. No Brasil a maior parte da extração de energia provém das usinas hidrelétricas, a qual utilizam do potencial energético da água. Porém, a forte influência do homem sobre a natureza tem dado visibilidade a uma série de problemas ambientais e o que antes era visto como uma fonte de energia inesgotável, hoje não o é, muitos destes problemas decorrem da falta de consciência sobre o tema.

A natureza acaba se transformando diante destes aspectos e isso origina a seguinte questão: se não houver fonte de extração, como será gerada a energia? Podemos viver sem a energia elétrica? Claro que diante das tecnologias atuais é possível encontrar uma alternativa para essa falta energética – o que já vem acontecendo com pesquisas que buscam extrair a energia de fontes alternativas, especialmente que não agridam a natureza – porém, esta consciência deve-se ser tomada hoje, para assim encontrar recursos para frear esta cadeia de destruição, preservando nosso ecossistema.

É nesse sentido que nas ações poéticas faço uso de imagens que tem como referência objetos que eram utilizados antigamente como utensílios de iluminação dentro de espaços internos, antes de ser instaurada na sociedade a rede de distribuição elétrica. Objetos que hoje estão em desuso pela grande maioria da população, entretanto, sabe-se que ainda existem locais que não possuem a distribuição de energia elétrica, e diversas famílias ainda fazem uso destes utensílios para iluminar suas casas.

Hoje ao inserir a imagem de lampiões no espaço urbano da sociedade contemporânea, tenciono estabelecer esta relação entre passado/presente, assim como a reflexão do nosso consumo da energia elétrica.

Dessa maneira, através dos lambes impressos com a imagem dos objetos supracitados, fixados nos postes de luz, proponho ao transeunte uma reflexão sobre a vida em sociedade, em períodos onde o acesso à luz elétrica era (ou é) limitado. Ou seja, considero, especulo acerca da diferença deste cotidiano em comparação com o agora; penso sobre as limitações que existiam e como a atual acessibilidade transformou-se em uma necessidade diária.

Simultaneamente à consciência do redimensionamento que a energia elétrica propicia à nossa atual existência, reflito sobre a íntima relação que tenho com os objetos que outrora iluminavam as casas e as vidas de familiares. Deste modo, o "poste" segue mediando uma prática poética que parte de algo privado e de uma percepção pessoal do espaço urbano.

o trânsito entre o público e o privado

Pensar nesta diferença do cotidiano é pensar, nas limitações que existiam e em como a atual sociedade torna a acessibilidade em uma imperiosa necessidade do dia-a-dia. Essas ações de intervenção permitiram simultaneamente um nexo e um retorno à uma percepção pessoal própria do espaço urbano. Pois ao produzir xilogravuras com a imagem de objetos não mais utilizados no cotidiano, os quais possuíam fundamental importância nos interiores das casas, sendo eles, os que traziam o acesso a iluminação; abordo o conceito da esfera pública e privada de Hannah Arendt (2007) na sociedade contemporânea.

Para esta autora, tais conceitos partem do pensamento grego, no qual havia uma divisão definida sobre os domínios da vida privada e da vida pública. Esta divisão, que referia-se ao antigo pensamento político, o qual separava a esfera da polis (cidade) da esfera do lar (família), bem como as atividades pertencentes ao mundo comum das que remetiam à manutenção da vida.

Para o indivíduo, viver uma vida inteiramente privada significa, acima de tudo, ser destituído de coisas essenciais à vida verdadeiramente humana: ser privado da realidade que advém do fato de ser visto e ouvido por outros, privado de uma relação “objetiva” com eles decorrente do fato de ligar-se e separar-se deles mediante um mundo de coisas, e privado da possibilidade de realizar algo mais permanente que a própria vida. (Arendt, 2007, p. 68)

Assuntos relacionados com a economia não faziam parte de questões políticas, mas, sim, associavam-se à vida individual, juntamente com a sobrevivência da espécie, assim as atividades que tinham como finalidade a garantia de um sustento individual, não adentravam no domínio público. Logo, torna-se perceptível os espaços bem demarcados, o privado e o público: o primeiro, o espaço da necessidade e submissão, isto é, da privação; o segundo, definido como o espaço da aparência, esfera de iguais e garantia de realização da condição humana.

[...] o termo “público” significa o próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele. Este mundo, contudo, não é idêntico à terra ou à natureza como espaço limitado para o movimento dos homens e condição geral da vida orgânica. Antes, tem a ver com o artefato humano, com o produto de mãos humanas, com os negócios realizados entre os que, juntos, habitam o mundo feito pelo homem. Conviver no mundo significa essencialmente ter um mundo de coisas interposto entre os que nele habitam em comum, como uma mesa se interpõe entre os que se assentam ao seu redor; pois, como todo intermediário, o mundo ao mesmo tempo separa e estabelece uma relação entre os homens. (Arendt, 2007, p. 62)

Atualmente não consigo pensar um espaço público onde o ser que habita a cidade, não venha interferir de alguma maneira nela. Ações como caminhar, parar, sentar e conversar, ocasionam interferências tênues na cidade, já que esta se configura como um local de (re) encontros e trocas. As ações cotidianas constituem o espaço público/privado. Posto isso, por que não ocupar tais espaços com arte?

Esse questionamento é um polo norteador e motivacional para a realização da minha pesquisa no espaço urbano. Para Vera Pallamin, *"tematizar a arte urbana é pensar sobre a vida social aproximando-se de um certo modo pelo qual as pessoas se produzem e são produzidas no âmbito da ordem simbólica. É pensar sobre cultura urbana"* (Pallamin, 2000, p. 24). Manifestar-se artisticamente no espaço urbano, seria uma maneira de reapropriação deste local que nos foi tirado, onde a publicidade e outras formas pagas de intervir no espaço são aceitas, já o que não obedece essa ordem deve ser ocultado.

Mas a cidade é um espaço fértil, produtora de muitos sentidos, os quais, muitas vezes, não são percebidos pelo transeunte que percorre por suas vias. A sociedade atualmente é bombardeada cotidianamente com excessivas propagandas expostas em seu espaço urbano, considerando o cidadão como um mero consumidor. Frente a isso, por que não potencializar ou simplesmente evocar aspectos da cidade, muitas vezes imperceptíveis ao olhar desatento do transeunte? Porque não propor ações poéticas onde efêmeras intervenções ofereçam um olhar mais cuidadoso e intimista para a cidade? Seria possível a partir destas intervenções propiciar uma vivência outra do espaço urbano?

[...]a caminhada é uma atividade concertada, repleta de interações, tanto com os outros pedestres quanto com a paisagem, os obstáculos e os equipamento do terreno. Caminhar é forçosamente viajar, observar e atuar ao mesmo tempo; é ajustar seu passo, sua direção, o contato físico com o meio circundante de humanos e de objetos. (Joseph, 1999. p. 29)

Ao situar o trabalho artístico no espaço urbano, pretende-se que ocorra uma ruptura no ritmo de observação, no olhar habituado do cidadão, uma vez que este é convidado a refletir sobre questões incomuns da lógica de utilização deste espaço urbano ao qual ele está inserido.

Essa relação da arte com a cidade, tem tornado possível estabelecer um novo vínculo com os sujeitos transitórios, isto é, torna-los mais suscetíveis e atentos às questões e mudanças do seu próprio entorno.

Ao realizar estas intervenções artísticas no espaço urbano, as quais criam zonas de respiro e oportunidades de acesso a outros elementos visuais para os transeuntes, penso em proporcionar uma modificação nos significados privados existentes em cada pessoa capaz de intervir com as obras, isso permitiria uma reelaboração e reflexão, uma cocriação, capaz de gerar novos sentidos, percursos mais expressivos nas ruas da cidade.

um percurso singular

Com o decorrer dos processos intervencionais, comecei a desenvolver xilogravuras com a imagem dos objetos encontrados no porão da casa da minha avó, os quais eram usados para a iluminação interna da casa, antes da instalação da rede elétrica naquela localidade. O primeiro objeto escolhido para desenvolver a xilogravura, foi a imagem de uma lanterna – denomino este objeto como foque, pois, sempre utilizei essa designação para identificá-lo.

A escolha do foque atribui-se devido a uma situação vivenciada na cidade de Santa Maria/RS. Em outubro de 2015, a cidade foi atingida por temporais, os quais derrubaram diversos postes de luz, resultando em alguns dias sem energia elétrica em distintos pontos da cidade. À noite, os faróis dos carros iluminavam a rua, era o manuseio do foque para originar a claridade nos lugares, sendo assim, uma experiência diferente da qual estamos habituados.

Com os lambes impressos, decidi, naquele momento, sair para realizar a colagem individualmente, sem o auxílio de amigos e/ou colegas. A ação aconteceu em um domingo, no início da tarde, enquanto caía uma chuva com pouca intensidade. Foi a primeira experiência obtida através dessa prática de sair e colar no espaço urbano da cidade. Sozinha, durante o dia, após o lançamento da campanha Santa Maria do Bem – idealizada pela prefeitura, visando à redução da pichação, bastante presente na cidade, e a operações de repreensão contra pichadores.

O caminhar foi mais lento, justamente para observar cuidadosamente, durante o percurso, qual poste apresentava menos residências próximas mais janelas fechadas no seu entorno a fim de que tais circunstâncias me deixassem mais tranquila na realização da colagem dos materiais.

Com a chuva (chuvisco) que caía, optei por postes retangulares, que possuem um rebaixamento em sua extensão, pois nestes espaços não havia umidade. O guarda chuva ao mesmo tempo, tornou-se um elemento de esconderijo, durante o momento da colagem, e de complicador desse mesmo processo, pois tive que segurá-lo com a cabeça para poder utilizar as duas mãos na colagem. Estar sozinha resultou também na falta de registros no momento da colagem, todavia, retornei dias após a ação e capturei imagens da pós-colagem. Nesse retorno, pude notar sinais de interferências e tentativas de desprendimento (Figura 4).

Durante o percurso desenvolvido, um carro da polícia militar passou por mim, desse modo, coleí as xilogravuras somente em três postes. Essa situação me constrangeu de tal forma que não consegui mais desempenhar a ação nesse dia, por medo de encontrar a polícia novamente.

Fiquei um tanto impressionada com a manifestação expressiva desse temor. Pensar em ser apreendida por causa dessa cena de colagem me deixou extremamente nervosa, talvez esse sentimento não seja normal e, sim, reflexo do contexto atual da cidade, onde a repressão com qualquer intervenção no espaço público é bastante agressiva tanto pelos policiais quanto pelos moradores.

Neste período a intervenção deu-se em três postes: dois retangulares; outro em formato circular. Este último estava bem próximo à marquise, o que oportunizou um recuo seco para a colagem. A sensação de medo que alguém viesse a intervir minha ação, esteve bem presente. Estando sozinha teria que enfrentar a situação novamente, o que me restringiu a três colagens.



Figura 4- *Registro pós-colagem*, 2015. Rua Coronel Niederauer, Santa Maria/RS.
Fonte: Arquivo pessoal.

Tais contingências estão diretamente associadas a uma política de repressão ao uso do espaço urbano da cidade, estas ações prosseguem desdobrando um impasse para a realização de tal proposta, ainda assim, esta investigação segue em desenvolvimento, visando aprofundar a reflexão sobre aspectos das esferas públicas e esferas privadas de Hannah Arendt, em um mundo artístico contemporâneo que tem permitido redimensionar experiências, e devolve-las ao espaço urbano da cidade para sua própria transformação e recriação pessoal.

percursos no cotidiano

Através de reflexões sobre a prática poética, percebendo uma certa pausa nas intervenções, desdobrei os lambes para o tecido. Esse desdobramento do papel para o tecido já havia feito algumas experimentações com as xilogravuras impressas em tecido - impresso em outros momentos algumas matrizes do trabalho Xilo no poste em algodão cru, no intuito de intervir com a máquina de costura, ou seja, costurar linhas e preencher espaços.

Tenho como hábito, antes de ir para a casa de meus pais, imprimir algumas matrizes em tecido para levar junto e costurar bolsas com estas imagens. Em um dado momento, estava imprimindo algumas matrizes e tive a curiosidade de ver como ficaria as matrizes do lampião, da lamparina, pois estas possuem dimensões maiores e até então não havia feito experiências com estes formatos. O processo da impressão é um pouco mais minucioso, é preciso ter o cuidado com o tecido para que este não fique com dobras, porém o resultado me deixou entusiasmada. Levei então os trabalhos impressos para intervir com a máquina de costura de minha avó, porém ao chegar diante da máquina, nada fiz. Assim, retornei para Santa Maria com os mesmos trabalhos impressos e pensando o que fazer com estes trabalhos.

Um incomodo que estava começando a ser presente na minha prática poética foi o fato de ter os lambes impressos em papel, mas não havia quem me auxiliasse para sair, fixar e registrar à noite/madrugada, conforme sempre o fazia. Tanto por não haver disponibilidade entre os amigos, tanto como o medo de sair caminhando à noite, pois é inquestionável o aumento de assaltos e a violência em Santa Maria/RS. Havia a alternativa de colar os lambes durante o dia, essa atitude, conforme já mencionada, leva a uma leitura de infração que fazia com que eu não me sentisse confortável dada a insegurança de alguém me abordar e reprimir minha ação. Essas situações me levaram a uma nova alternativa: e por que não pendurar o tecido com as impressões? Assim, decidi experimentar pendurar os lambes em tecidos em alguns postes. O lambe impresso em tecido viabilizava no momento da ação uma rapidez que antes não havia, pois não precisa do tempo para passar a cola, fazendo com que não seja necessário sair especificamente para fixar o lambe, como antes fazia. Dessa maneira, é possível carregar na bolsa em percursos diários, idas ao mercado, ir até a parada de ônibus, saídas à noite ou durante o dia, passaram a ser "*momentos de fixação de imagens*".

Isso faz com que intervir se torne parte do meu cotidiano, assim como, fazer parte da cidade. Diluir o trabalho com a cidade, através dos meus percursos diários. As primeiras intervenções que realizei foram à noite (Figura 5) em ruas as quais costumo passar, pensando em observar quanto dias os trabalhos ficam pendurados no poste. Foi possível perceber que com o tecido o trabalho se tornava ainda mais efêmero que antes, pois como fica mais fácil de tirar, o tempo do trabalho exposto durava no máximo dois dias, e em maior parte do que pude acompanhar teve a duração de somente da noite para o dia.

Comecei a entender o trabalho como uma espécie de um presente para quem passa e vê o lambe, pois antes com o papel e a cola era praticamente impossível de tirar o trabalho, e agora, esse era facilmente retirado dos postes.



Figura 5: Registro ação poética, 2106. Rua Duque de Caxias, entre Rua Silva Jardim e Rua dos Andradas. Santa Maria/RS. Fonte: Arquivo pessoal.

Refletindo na característica efêmera que o trabalho carrega, o lambe impresso no papel e colado no concreto permanece por um tempo maior, apesar de tentativas de tirá-lo do espaço urbano e por sofrer com o clima - sol, chuva – a cola deixa este fixado de tal maneira que não permite sua retirada por completo, sempre ficando vestígios indiferente das interferências. Já o lambe impresso no tecido (Figura 6), apesar de ser um material mais duradouro, ao ser somente amarrado, não sendo fixo diretamente no concreto, facilita a sua retirada.



Figura 6: *Registro lambe-lambe em tecido*, 2016. Rua Conde de Porto Alegre, esquina com Rua Olavo Bilac. Santa Maria/RS. Fonte: Arquivo pessoal.

A partir do momento que comecei a desenvolver os lambes em tecido, ao fixá-los nos postes, por seu movimento que acontece com o vento, tenho a percepção que ele está ali no poste, mas que é autônomo, que possui sua leveza e um certo desprendimento.

Através da arte, a cidade passa a ser o lugar de reflexão sobre o “estar no mundo” e, muitas vezes, o trabalho artístico desloca o senso comum em relação à própria arte. Isso porque os trabalhos de arte na cidade podem se tornar imperceptíveis frente às dimensões e proporções urbanas, não sendo por vezes identificados como arte por estarem imersos em um ambiente comunicacional diferente. Efêmeros e duradouros, dependem das estruturas do entorno e podem dissolver, se perder, restando apenas registros, experiências ou relatos. (CAMPBELL, 2015, p. 18)

E nessa ação de caminhar pelas ruas, pendurar o lambe no poste, percorrer o mesmo caminho e visualizar sua efêmera permanência no espaço urbano, que crio um movimento e trago ao transeunte o meu discurso, manifestando através do meu trabalho, a minha pluralidade. Arendt argumenta, "*É com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano; e esta inserção é como um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o fato original e singular do nosso aparecimento físico original*" (ARENDR, 2007, p.189).

Para a autora, a ação tem dois sentidos: *archein* (grego) que significa iniciar, tomar iniciativa; e *agere* (termo latino) que seria impulsionar movimento. O que resultaria em uma capacidade de iniciar, uma possibilidade de criar algo novo, esperando do indivíduo o inesperado, e assim, gerando um rompimento com uma certa ordem dos acontecimentos. Seguindo este pensamento, romper com o que nos é dado, mostrado diariamente, inserindo o trabalho no espaço urbano, assim "*criando*" algo novo no cotidiano do transeunte, o que conseqüentemente traria uma disponibilidade de visualização maior (público), do que inserido em um espaço expositivo (privado).

Tencionar para uma reflexão do transeunte que vê o lambe fixado no poste. Possibilitar uma quebra do olhar habituado, mesmo que veja de passagem, mas pensar que esta pequena ruptura possa trazer algum pensamento - o que é isso? Por que está ali? Quem colocou? - ou algum sentimento - de contemplação, de incomodo - através deste movimento de percepção do trabalho.

Referências

ARENDDT, Hannah. A condição humana. Trad. Roberto Raposo. 10. ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CANCLINI, Néstor García. Imaginarios Urbanos. Buenos Aires: Ed. Eudeba S E.M., 1997.

CAMPBELL, Brígida. Arte para uma cidade sensível / Art for a sensitive city. Tradução para o inglês: Valéria Sarsur e Pedro Vieira. São Paulo: Invisíveis Produções, 2015.

JOSEPH, Isaac. Paisagens urbanas, coisas públicas. Trad. Regina Martins da Matta. In: Caderno CRH. [online]. 1999, n.30/31, p. 11-40. ISSN: 1983-8239. Disponível em:

<<http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=232>> Acesso em: 04 abr. 2015.

NOGUEIRA, Adriana Dantas; SILVA, Eder Donizete da. Estudo sintático-espacial da Arte Pública da Praça da Matriz em Aracaju. (p.157-162) Ciudad Invasada/Cidade Invasada. Editorial UPV: Valencia/ES, 2006.

OSINSKI, Dulce. AFONSO, Manoela dos Anjos. Entrevista – Artistas brasileiros que transitam pela gravura e galeristas que fomentam a circulação. FRANCO, Edgar (org.) Desenredos: poéticas visuais e processos de criação. Goiânia: UFG/FAV; FUNARTE, 2010.

PALLAMIN, Vera. Arte urbana São Paulo: região central (1945-1998), obras de caráter temporário e permanente. São Paulo: Annablume, 2000.